**IDADE E CRESCIMENTO DA RAIA-BORBOLETA, *GYMNURA ALTAVELA* (MYLIOBATIFORME: GYMNURIDAE),NA COSTA SUDESTE DO BRASIL**

Clara Velloso Teixeira-Leite1; Marcelo Vianna2

¹Pós-Graduanda (nível mestrado) em Ecologia, Universidade Federal do Rio de Janeiro - UFRJ / Pesquisadora Associada ao Instituto Museu Aquário Marinho do Rio de Janeiro – IMAM/AquaRio

²Professor no Instituto de Biologia, Universidade Federal do Rio de Janeiro – UFRJ / Pesquisador Associado ao Instituto Museu Aquário Marinho do Rio de Janeiro – IMAM/AquaRio

*Gymnura altavela* é uma raia demersal que ocorre em ambientes rasos costeiros de substrato não consolidado. Assim como outros elasmobrânquios, ela encontra-se ameaçada de extinção, sendo classificada globalmente como Em Perigo pela IUCN e Criticamente em Perigo no Brasil pelo ICMBio. Antes considerada de distribuição anfi-atlântica, novas evidências genéticas apontam para a existência de duas espécies crípticas de distribuições isoladas no atlântico leste e oeste. Assim, faz-se necessário a obtenção de parâmetros de história de vida (e.g. crescimento e longevidade), a fim de representar de forma confiável as populações locais. O objetivo do estudo em andamento é estimar o crescimento das *G. altavela* do sudeste do Brasil. Os dados etários das raias coletadas serão acessados através da leitura de anéis etários nas vertebras, cuja periodicidade de formação será testada utilizando o método de incremento marginal aliado ao Critério de Informação de Akaike corrigido (AICc) para testar três modelos: periodicidade nula, anual e bianual. As idades e os dados de largura de disco (LD) – distância entre as pontas das nadadeiras peitorais – serão ajustados aos seguintes modelos de crescimento: Von Bertalanffy (VB) 1, VB2, Gompertz e Logístico. Mais uma vez, será utilizado o AICc para determinar o mais adequado para machos e fêmeas, separadamente. Até o momento, já foram obtidos 110 exemplares do Rio de Janeiro e Espírito Santo, sendo 48 fêmeas e 62 machos. Elasmobrânquios apresentam dimorfismo sexual e as fêmeas são geralmente maiores que os machos. Esse padrão já havia sido observado para *G. altavela* na América do Norte (LD fêmeas: 54,4 – 215 cm; LD machos: 56,1 – 136 cm) e Mediterrâneo (LD fêmeas: 34 – 134,2 cm; LD machos: 35 – 89,3 cm) e é corroborado pelos resultados obtidos. Em nossa amostragem, foram capturadas fêmeas com LD de 20,1 a 150 cm, enquanto para os machos essa medida variou de 21,4 a 108 cm. A maior fêmea encontrava-se grávida com cinco embriões completamente formados, incluindo três machos (LD: 21,4 cm; 21,5 cm e 23,5 cm) e duas fêmeas (LD: 20,1 cm; 21,5 cm). Os tamanhos mais comuns foram de 40 a 70 cm tanto para machos (89%) quanto para fêmeas (92%). Já na América do Norte e no Mediterrâneo, tamanhos maiores foram observados. 71% das fêmeas norte-americanas e 73% das mediterrâneas foram maiores que 70 cm, ao passo que para machos esses valores foram 75% e 74%, respectivamente. Nossos resultados preliminares indicam diferenças entre a população estudada e as outras conhecidas na literatura, ressaltando a importância de se realizar estudos de idade e crescimento específicos para a costa brasileira. Dessa forma, o próximo passo desse estudo será construir modelos de crescimento que nos permitirão aprofundar essas comparações, aumentando a confiabilidade das informações disponíveis para o táxon.

Palavras-chave: América do Sul; Batoidea; Chondrichthyes.

Apoio Financeiro: A realização do projeto Pesquisa Pesqueira e Marinha, “Demografia, Sensibilização e Monitoramento Pesqueiro de Tubarões e Raias: Subsídios a Conservação” é uma medida compensatória estabelecida pelo Termo de Ajustamento de Conduta de responsabilidade da empresa PRio, conduzido pelo Ministério Público Federal – MPF/RJ. Contamos também com bolsa para CVTL e financiamento ao projeto pelo IMAN/AquaRio.